

Relatório do Workshop 'Periferia Conectada - Estratégias de comunicação em tempos de desinformação'

Tema: Estratégias de comunicação e combate às fake news por grupos que atuam em contextos periféricos no Brasil.

Formato: Debate

Proponentes: Elvis Elias Sampaio Pinheiro (PPGDH - UnB, Comunidade científica) e Gabriela Pereira de Almeida (PPGDH - UnB, Comunidade científica)

Palestrantes: Suliete Gervásio Monteiro (PPGDH - UnB, Comunidade científica): Indígena do povo Baré - AM, bacharel em Engenharia Florestal e mestranda em Direitos Humanos e Cidadania.

Raísa Guimarães (MTST-SP, Terceiro setor): Coordenadora de Saúde do MTST em São Paulo, uma das organizadoras da iniciativa Zap da Saúde, que tira dúvidas sobre questões de Covid e comorbidades.

Marcelo Fornazin (Professor - UFF, Pesquisador da ENSP - Fiocruz, Setor governamental): Pesquisador e professor, Marcelo é também um dos coordenadores técnicos do Dicionário de Favelas Marielle Franco.

Pablo Bello (Dir. de políticas públicas - Whatsapp, Setor privado): Gestor, com experiência governamental no Chile e atual Diretor de políticas públicas para os aplicativos de mensagem da empresa Facebook.

Moderador: Elvis Elias Sampaio Pinheiro - Mestrando em Dir. Humanos e Cidadania na UnB, ativista, pesquisador e professor de História.

Relatora: Gabriela de Almeida Pereira - Jornalista, mestranda em Dir. Humanos e Cidadania na UnB, pesquisadora na área de Fake News e membro da Redes Cordiais.

Objetivos: Propusemos um diálogo entre cinco integrantes de diferentes entidades e lugares acerca da importância de levarmos o debate sobre fake news, desinformação, comunicação nas periferias brasileiras no contexto da pandemia do Covid-19. O intuito foi de pensar em conjunto uma forma de fortalecer vínculos e criar recursos para que coletivos e grupos que atuem nas periferias brasileiras possam ser agentes diretos no combate à crescente avalanche de conteúdo enganoso que assola o Brasil e o mundo. Optamos por uma atenção a comunidades periféricas por verificarmos, em nossas pesquisas, o aumento vertiginoso no discurso de ódio nas redes sociais, especialmente direcionado às minorias políticas brasileiras: mulheres, população negra, população LGBT, indígenas, grupos que estão concentrados, em grande parte, dentro dos setores vulnerabilizados do país

Justificativa: Dentre os pontos primordiais para se pensar a Governança da internet está o de abarcar a diversidade característica das periferias do país. Pensar uma internet que se proponha como espaço de respeito aos direitos humanos, combate às discriminações e discurso de ódio é fundamental para recuperar parte dos prejuízos que vem corroendo o debate público e afetando o regime democrático. Por isso, nossa ideia é integrar pessoas que atuam nas diferentes esferas, buscando colocar em debate a comunicação como ferramenta de emancipação e cidadania.

Metodologia: Fizemos um debate com duração de 1h e meia, dando a cada convidado 15min de tempo para exposição, e com participação do público para uma rodada de perguntas que foram enviadas por meio da plataforma YouTube.

Síntese dos debates: A fala de abertura foi concedida por Gabriela de Almeida, que apresentou o contexto de disseminação de notícias falsas no Brasil, relacionando seu aperfeiçoamento e divulgação com o aumento de crimes de ódio, especialmente em locais periféricos. A debatedora citou por exemplo os casos do garoto João Pedro, assassinado numa favela do Rio de Janeiro/RJ durante uma operação policial e que teve montagens espalhadas na web o associando ao tráfico de drogas. Caso semelhante ao da vereadora Marielle Franco, que depois de ter sido assassinada por milicianos também no Rio de Janeiro teve seu nome ligado a uma facção da cidade. A debatedora também destacou o trabalho que vem fazendo com agentes de saúde durante a pandemia do Covid-19, citando o grande número de profilaxias falsas que são difundidas no país atualmente. Ela também reforçou a importância de políticas que fortaleçam a checagem de fatos e uma maior atenção das plataformas sobre o comportamento criminoso de grupos organizados contra minorias.

Em seguida contamos com Suliete Gervásio, que iniciou sua fala apontando que os povos indígenas sofrem com as falsas notícias desde a invasão do Brasil pelos portugueses, que se apresentaram ao mundo como os ‘descobridores’ de um território que já era plenamente conhecido e habitado. A debatedora mostrou que a difusão de notícias falsas na pandemia tem prejudicado de forma significativa as populações indígenas do Amazonas, pela difusão de medicações ineficazes, falta de informações corretas quanto a disponibilidade de infraestrutura médica, além da defasagem no número de pessoas que realmente padeceram ou estão afetadas pela Covid-19. Suliete reforçou que apesar da falta de uma infraestrutura adequada para os serviços de internet, a população indígena está cada vez mais conectada, também sofrendo por conta da disseminação de fake news e pelo descaso das políticas públicas no país.

A terceira convidada foi Raísa Guimarães, que enfatizou a precariedade nos serviços públicos que não são oferecidos à população, principalmente periférica. Ela reforçou que os trabalhadores são os que mais sofrem pelos efeitos da Covid-19, não apenas nos riscos à saúde, mas também os prejuízos econômicos. A debatedora falou da iniciativa do MTST na criação do ‘Zap da Saúde’, serviço de atenção a moradores periféricos que tira dúvidas sobre efeitos da Covid-19, maneiras de buscar tratamento e também sobre outras comorbidades. A debatedora reforçou que é urgente uma maior atenção das políticas de saúde para a população periférica.

O quarto convidado foi o professor e pesquisador Marcelo Fornazin. Ele focou durante a sua apresentação do Dicionário de Favelas Marielle Franco, uma iniciativa que é fruto de uma cooperação de movimentos sociais, sociedade civil e comunidade científica. O dicionário é: “(...)uma plataforma virtual de acesso público para a produção e veiculação de conhecimentos sobre favelas e periferias. Visa estimular e permitir a coleta e construção coletiva do conhecimento existente sobre as favelas, por meio da articulação de uma rede de parceiros que se dedicam a esse tema, tanto nas universidades quanto nas instituições e coletivos existentes nesses territórios”. A plataforma funciona de forma colaborativa e incentiva moradores de periferias no fortalecimento da sua identidade coletiva e também no resgate de conhecimentos e tradições locais.

Por último contamos com a fala de Pablo Bello, que atua no setor privado e representou a empresa Facebook. Pablo ressaltou que a comunicação por softwares é um

modelo consolidado no planeta, e que muitas vezes suas funções são positivas dentro da organização social. O debatedor também enfatizou que as empresas sabem dos perigos e das muitas brechas que grupos organizados se utilizam das plataformas para praticar ilícitos ou atos prejudiciais a grupos. Ele afirmou que o Facebook faz parcerias com agências de checagem e grupos de pesquisa para reforçar a segurança das plataformas e criação de tecnologia que minimize os danos das fake news.

Consenso: Todos os participantes foram de acordo que as plataformas devem melhorar suas políticas de segurança contra a disseminação de notícias falsas. Também foi visto em quase todas as falas uma cobrança quanto às políticas públicas, especialmente no período de calamidade sanitária.

Dissenso: Não foi possível apreender nenhum neste sentido, todas as falas tiveram uma maior confluência dentro de suas especificidades.